

SESSÕES DO PLENÁRIO

22ª Sessão Especial da Assembleia Legislativa do Estado da Bahia, 26 de maio de 2025.

PRESIDENTE: DEPUTADA IVANA BASTOS

A Sr.^a PRESIDENTE (Ivana Bastos): Invocando a proteção de Deus, declaro aberta a presente sessão especial de outorga do Título de Cidadã Baiana à cantora Alcione Dias Nazareth, conforme proposição de autoria da deputada Olívia Santana.

Convido para compor a Mesa a Sr. Olívia Santana, deputada proponente desta sessão especial; o Sr. Bruno Monteiro, secretário de Cultura, representando o Sr. Jerônimo Rodrigues, governador do estado; a Sr.^a Márcia Regina dos Santos Virgens, procuradora de Justiça, representando o Sr. Pedro Maia, procurador-geral de Justiça do estado da Bahia; a Sr.^a Angela Ferreira, yakekerê do Terreiro do Gantois, representando Mãe Carmen; o Sr. Nelson Rufino, cantor e compositor; o Sr. Walmir Lima, cantor e compositor; o Sr. J. Velloso, cantor e compositor, representando a família Canô; o Sr. Edil Pacheco, cantor e compositor; a Sr.^a Gal do Beco, sambista. (Palmas)

Convido ainda a Sr.^a Juliana Ribeiro, cantora e compositora; a Sr.^a Maíra Azevedo, a nossa querida Tia Má; o Sr. Osmar Martins, jornalista, o nosso querido Marrom; o Sr. Zé Arerê, presidente do Bloco Alerta Geral; o Sr. Vadinho França, presidente do Bloco Alvorada. (Palmas)

Solicito à deputada Cláudia Oliveira, à vereadora Aladilce, a Vera Lacerda e a Eliete Paraguassu que conduzam a nossa homenageada, a cantora Alcione Dias Nazareth, a este recinto. (Palmas)

(A homenageada é conduzida ao Plenário.) (Palmas)

A Sr.^a PRESIDENTE (Ivana Bastos): Quero convidar a Sr.^a Alice Portugal, deputada federal do estado da Bahia, para compor a Mesa. (Palmas)

Convido todos para acompanharmos a execução do Hino da Bahia, pelo Coral do Legislativo, sob a regência do maestro Angelo Rafael Fonseca.

(Procede-se à execução do Hino da Bahia.) (Palmas)

A Sr.^a PRESIDENTE (Ivana Bastos): Convido para compor a nossa Mesa a Sr.^a Gessy Gesse.

A Sr.^a PRESIDENTE (Ivana Bastos): Neste momento, farei uso da palavra.

A Sr.^a IVANA BASTOS: (Lê) “Ah! eu vim de ilha de Maré, minha senhora/ Prá fazer samba na lavagem do Bonfim/ Saltei na rampa do mercado e segui na direção/ Cortejo armado na Igreja da Conceição’. Esses versos do compositor baiano Walmir Lima, eternizados na voz de Alcione, são memória, são identidade.

São Bahia em estado de poesia. (Palmas) Quem, ao ouvir esses versos, não se deixou guiar por uma voz que embala a fé? Quem não sentiu os pés na ladeira, o coração na romaria, o corpo em festa, subindo a Colina Sagrada? Com cada passo, com cada batuque, com cada frase, ela canta o que é sentir, viver e amar a Bahia. Quando gravou Ilha de Maré, em 1977, Alcione fundiu sua alma à cultura baiana.

Minhas senhoras, meus senhores, é com emoção e honra que damos início a esta sessão especial da Assembleia Legislativa da Bahia, que vai além de uma solenidade, é um ato de reconhecimento, de afeto e, sobretudo, de justiça histórica e afetiva.

Hoje, a Bahia abraça com o título aquilo que já era verdade no coração do povo: Alcione Nazareth, a inconfundível Marrom, é baiana por essência, por identidade, por amor e por legado. Uma mulher que atravessa gerações, que carrega o peso e a leveza do samba com a mesma naturalidade com que canta a alegria e a dor.

Quero saudar com afeto e muito respeito a deputada Olívia Santana, (palmas) autora desta honraria tão justa. Uma mulher de visão cultural, sensibilidade política e consciência histórica.

Ao propor este título, Olívia, você reafirma o compromisso desta Casa com a cultura negra, com as mulheres artistas, com o samba como patrimônio, e com a força do afeto como elemento legítimo da cidadania.

Saúdo também o deputado Bobô, que, com sabedoria, também defendeu esse reconhecimento, afirmando: ‘Marrom está enraizada na Bahia.’

E como duvidar disso? Ela é presença viva nas nossas festas, nos terreiros, nos rádios, nas ruas, nos corações.

Canta o samba como quem reza e canta a dor como quem vence. A Bahia vê nela uma irmã, uma filha, uma voz que nos traduz, que declara, convoca, consola e celebra.

Quando Alcione canta, a ancestralidade se manifesta. É a força do tambor, o lamento da saudade, a festa da rua, o batuque da fé.

O poeta Waly Salomão, esse filho da Bahia e apaixonado pelas expressões mais genuínas do povo, disse com precisão, em 1978, no poema A voz de uma pessoa vitoriosa, musicado por Caetano Veloso e eternizado na voz de Maria Bethânia:

‘Quem ouve nunca mais dela se esquece
Barcos sobre os mares, voz que transparece
Uma vitoriosa forma de ser e viver
(...)’.

E se alguém ainda tivesse dúvidas sobre a ligação entre Alcione e a Bahia bastava ouvir suas próprias palavras: ‘Adoro a Bahia e é um prazer voltar à terra que sempre me deu tantas alegrias e onde conquistei tantos amigos queridos’.

Alcione representa a nossa Bahia profunda, a Bahia que canta para resistir. E é por isso que esta Casa, a casa da democracia baiana, se curva diante da sua trajetória, da sua história e da sua dignidade.

Você já era da Bahia, a Bahia já era sua, e agora é também por direito. Parafraseando a sua canção, me pergunto: ‘Quando vou te deixar/ Me respondo: Nem morta’. (Palmas)

Pois saiba que a Bahia também jamais abandonará você. Vamos com você de corpo, alma, tambor e coração.

Que o Senhor do Bonfim te proteja! Que Santa Dulce dos Pobres ilumine seus caminhos!

Seja oficialmente bem-vinda, cidadã baiana Alcione!

Muito obrigada.” (Palmas)

(Não foi revisto pela oradora.)

A Sr.a PRESIDENTE (Ivana Bastos): Concedo a palavra à proponente da sessão especial, deputada Olívia Santana.

A Sr.a OLÍVIA SANTANA: Sr.a Presidenta desta Casa, deputada Ivana Bastos, a quem eu saúdo, e em sua pessoa cumprimento todos os parlamentares que aqui vieram testemunhar este momento que, para nós, é um momento histórico. Eu estou emocionadíssima ao fazer essa homenagem a nossa Alcione, nossa cantora Alcione, essa mulher que é tão merecedora, é absolutamente merecedora, Gal do Beco. E eu vou dizer: eu provo, sou de provar que ela realmente merece receber todas as homenagens do nosso estado, da nossa Bahia.

Ubiracy, minha querida amiga, você que é uma fã incondicional de Alcione, vive imitando Alcione que eu sei. Vou falar para ela, viu? Você tem esse vozeirão. (Risos)

Mas eu quero, aqui, na pessoa da nossa presidenta, cumprimentar a todos da nossa homenageada Alcione, cumprimentar todos os artistas que fazem parte dessa Mesa e dessa plateia. E pedir licença para dizer que eu não poderia ser indiferente a uma pessoa que é parte da história da música popular brasileira, uma mulher negra, do Nordeste, do Maranhão, aquele estado lindo. São Luís maravilhosa; só não é mais maravilhosa do que Salvador. (Risos) Mas sempre que vou a São Luís do Maranhão sinto também aquela identidade com aquele lugar, Dr.a Márcia Virgens, que é tão forte. Lancei um livro na Praça dos Poetas e foi tão bonito falar para aquele povo! Portanto, nós estamos aqui com uma entidade, uma expressão.

Quando eu ouço a Alcione cantar sempre penso que ela tem uma voz ancestral, Juliana Ribeiro. É uma voz que nós temos que perceber o quanto essa voz nos remete ao nosso continente de origem, a nossa África. Ontem, foi o Dia da África! (Palmas)

E Alcione é essa mulher que tem a africanidade não só na sua estética, mas na sua voz. Eu tive a felicidade de ver, na África do Sul, um coral zulu cantando. E é uma voz completamente diferente de tudo que a gente já ouviu, porque a voz parece um instrumento. A gente sabe que as nossas cordas vocais são instrumentos, mas aquela voz, aquela coisa ancestral, parece que a espiritualidade toda baixa ali. E

quando Alcione abre a voz, ela fala – ela cantou ontem naquela Concha Acústica – e a gente pensa: “Meu Deus, que mulher poderosa!” Ela é muito poderosa.

Fala-se muito da voz de Milton Nascimento, que a voz de Milton Nascimento, André Bagageryer, é a voz de Deus. Elis Regina disse isso. (Palmas) Eu quero dizer que a voz de Alcione é a voz das deusas! (Palmas) Essa voz que embala o samba, que brota do chão. Essa mulher que aos 9 anos aprendeu a tocar diversos instrumentos com o seu pai, que tanto lhe incentivou a adentrar o terreno da música, que cantou na banda de jazz que seu pai também integrava. E é tão importante esse suporte, esse apoio da família.

Então, ver Alcione chegar ao Rio de Janeiro, como fizeram tantos outros... Daqui, da Bahia: Caetano, Gal, Bethânia e Gil tiveram que ir para o Rio, para o eixo Rio-São Paulo. A indústria fonográfica, a indústria cultural remetia todos e todas para aquele lugar. E foi lá que a nossa querida Alcione também iniciou para valer, para o público nacional, a sua carreira. Portanto, é muito importante aqui destacar o papel desse lugar que lançou tantas artistas, tantos artistas no Brasil.

Em 1979, Alcione conquistou o primeiro lugar nas paradas de sucesso do nosso país. Ela que se encantou e mergulhou na Estação Primeira de Mangueira, escola de samba. Porque aqui, Vadinho França, a gente tem a resistência do Bloco Alvorada, do Alerta Geral, o Alerta de Zé Arerê, o Amor e Paixão, com Nelson Rufino... essa turma que nunca deixou o samba morrer no Carnaval da Bahia! (Palmas)

E, no Rio de Janeiro, dessa mesma linhagem, minha querida Tia Má, nós temos as escolas de samba, que se reinventaram nos morros, foram criadas nos morros. As criações que, quando Lazzo diz: “Eu sou parte de você, mesmo que você me negue...”, a gente tem que lembrar disso.

Quando a gente pensa, meu querido Barroso, do Aconchego da Zuzu, essa construção de um cantinho do samba ali no Garcia, que acolheu – e continua acolhendo – tantos sambistas do nosso estado... O negro fez isso. A negra fez isso. Nas planícies das favelas aqui, nos morros no Rio de Janeiro brotou essa cultura poderosa que é a cultura brasileira, que é o samba! (Palmas) O samba, os batuques dos terreiros de candomblé da Bahia. E eu saúdo os alabês do Terreiro do Gantois. Yakekerê Angela, eu quero tomar a bênção a senhora.

E Alcione falou: “Se eu vou receber o Título de Cidadã Baiana, o Gantois tem que estar presente nesta Mesa!” (Palmas)

Leve o nosso abraço para a nossa ialorixá, que está debilitada da saúde, Mãe Carmen, mas que continua, de lá, emanando as melhores energias. E vamos fazer nesta Casa uma grande sessão do centenário de Mãe Carmen, (palmas) porque a gente é dessas! Fizemos a de Mãe Stella e vamos fazer aqui, não é? A sessão do centenário de Mãe Carmen. Porque ela merece. É merecedora também. (Palmas)

Mas eu quero, gente, dizer que nessa luta para se fazer artista reconhecida nacionalmente, Alcione ganhou os programas de calouro, ganhou as rádios deste país, fez turnê internacional em Londres – morou lá por um tempo, não é? –, difundindo a sua carreira. E ela, apesar de toda essa construção no Rio, em São

Paulo, internacionalmente, nunca abriu mão – porque é uma mulher sábia, ela sabe que não poderia abrir mão – dos poemas, das letras, das pérolas da Bahia. Por isso, Walmir Lima, você está aqui, nesta Mesa, (palmas) testemunhando todo o sucesso da carreira dessa mulher, porque Ilha de Maré... Minha querida Eliete Paraguassu, Eliete, nossa vereadora de Ilha de Maré, quando soube que ia ter sessão para Alcione, foi lá e trouxe um bocado de patuá, aí. Tem um balaio na mão dela. (Palmas) Ela disse: “Olívia, eu tenho que dar esse presente aqui para a cantora Alcione.”

Clarindo Silva, do Pelourinho: “Alcione vai ser homenageada? Eu tenho que estar lá, com minha palma peculiar.” (Palmas) E aqui ele veio, todo de branquinho, na paz de Oxalá, em plena segunda-feira, reverenciar esta figura maravilhosa. (Palmas)

É importante, companheiras e companheiros, saudarmos e agradecermos a Alcione, porque ela cantou a Bahia, cantou a Lavagem do Bonfim. Mas ela, também, cantou o Araketu. Vera Lacerda, ela cantou Araketu. Ela cantou uma música de Edil Pacheco, (palmas) como é a Afreketê que foi cantada também, ontem, incluída no seu show, na Concha Acústica.

Alcione cantou o Ilê Aiyê, o nosso Ilê Aiyê, meu querido Vovô, aproveito o momento para saudá-lo. (Palmas) Alcione cantou Tião Motorista, cantou o nosso saudoso Batatinha. Não se pode contar a história do samba na Bahia sem falar do nosso grande Batatinha.

Então eu quero dizer que Alcione cantou todos esses autores baianos. Ela gravou Gilberto Gil; ela gravou Caetano Veloso. Eu já tive milhares de momentos bonitos, deputada Cláudia. Mas um dos momentos mais bonitos que eu já tive, na minha vida, na área cultural, foi ver Alcione, no fundo da casa de D. Canô, num palco improvisado, jogando duro no samba, junto com um grupo de samba do Recôncavo, homenageando os 80 anos de Rodrigo Velloso, que só não está aqui por absoluta incapacidade física de se locomover para poder chegar, mas mandou um grande abraço para você.

Então, gente, Alcione é esta mulher do chão, do barro e das mansões.

Eu quero saudar as minhas companheiras da construção civil que estão aqui e fizeram questão de estar aqui para homenagear você, porque os operários e as operárias da construção civil e as trabalhadoras domésticas te ouvem com orgulho. É uma forma que mesmo a opressão do trabalho, do labor do trabalho braçal que massacra o nosso povo, a música reconstrói a nossa humanidade. A nossa cultura reconstrói a nossa arte de viver todos os dias.

Portanto, meu querido Adailton Poesia, aqui presente, porque você é um poeta. Eu também quero te saudar. Aqui está cheio de compositores e cheio de autores que querem ver Alcione.

Felipe, nosso vereador Felipe, também está presente. É a juventude presente. Quero saudá-lo. Ele ama e é completamente apaixonado por Alcione. Há a nossa querida e companheira de partido, a vereadora Aladilce Souza, também, testemunhando. (Palmas)

Há, também, a nossa ebome Nice. (Palmas) Palmas para ebome Nice! (Palmas) Eu tomo a bênção a ebome Nice. Ebome Nice falou: “Minha filha, você vai homenagear Alcione. Eu tenho de ver a roupa que eu vou vestir para essa festa.” (Risos) E ela está aqui linda e maravilhosa!

Marta Góes, minha querida, aproveito para te saudar.

Que Plenário maravilhoso! Temos joias e pérolas raras!

Sandra Bispo é a minha equede do Ilê Axé Oxumarê. Você é muito bem-vinda.

Aqui estão os terreiros de candomblé presentes também.

Há a minha vereadora Luciana Tavares, de Lauro de Freitas, que chegou com a sua turma, o seu time de Lauro, também, para compor este momento tão especial.

Portanto, Alcione, eu quero agradecer. Acabei não falando nada do que eu escrevi, para variar. (Risos) Mas eu quero dizer, Alcione, que eu quero te agradecer por ter aberto os braços para a nossa Bahia. A obra de uma artista não é o viaduto, não é a estrada, não é o prédio, é uma obra intangível, imaterial. A gente tem de ter a sensibilidade de saber qual a contribuição do artista para a nossa Bahia.

Quando alguém perguntar: “Por que Alcione recebeu o Título de Cidadã Baiana?” Aí, a gente responde: “Porque ela é baiana de alma, música, cultura e arte, pois ela projetou a nossa Bahia para o mundo.” (Palmas)

Tem gente que recebe honrarias que não sabe nem onde é o endereço da Bahia. E Alcione sabe!

Eu me emocionei demais ontem quando eu vi uma criança de 10 anos de idade, com um negócio de um cartaz na mão, tentando chamar a atenção de Alcione. Era um menino de 10 anos, gente! Ele veio de Irecê para ver o show de Alcione ontem. Ele contou no palco.

Minha mãe perguntou: “Rodrigo, o que você quer de aniversário?” Ele fez aniversário este mês, no dia 7 de maio – gravei tudo na minha cabeça –, e ele disse: “Eu quero ir para o show de Alcione.” E a mãe comprou o convite. Ele não só foi para o show e cantou com Alcione. Hoje ele está aqui. Cadê você, Rodrigo? Rodrigo está ali. (Palmas) É este menino de luz, este garoto de luz. Ele veio! Ele veio, Alice Portugal, você que é do acordeon. Este menino é o mascote agora. Ele é o seu mascote, Alcione, na Bahia. Aonde quer que você vá, você vai ter esse pedacinho de gente torcendo pelo seu sucesso, pela sua saúde, pela sua longa vida. Aliás, ele e todos nós, todas nós, torcemos por isso.

Eu fiquei muito impressionada, Edil Pacheco, porque ele pediu para Alcione cantar Afreketê, de sua autoria. Ele pediu para cantar:

“Não deixe o samba morrer

Não deixe o samba acabar

(...)

Levar meu corpo junto com meu samba

O meu anel de bamba entrego a quem mereça usar

(...)”

Este daqui é um sambista mais novo que a gente conheceu ontem. Ele mostrou para a gente aquela frase de Fernanda Torres: “A vida presta.” É porque presta mesmo, gente! Um menino deste aqui ama uma mulher maravilhosa que iniciou a sua carreira nos anos 1970. Estamos em 2025! É alguém nos faz acreditar nesta vida e faz acreditar que a cultura salva!

Eu não poderia sair deste púlpito e desta tribuna sem dizer para você, Alcione, que todas nós, pelo menos nós, mulheres negras, mas eu acho que todas as mulheres se sentem representadas quando você, na música A Loba, você canta, como ninguém, o amor romântico. Todo mundo sabe que o amor romântico não é tão feminista assim, hein? Mas a gente dá a você todas as licenças poéticas. E quando você fala o seguinte:

(Lê) “(...) Sou mulher de te deixar se você me trair
E arranjar um novo amor só pra me distrair...”

Vou dizer de novo:

(Lê) “Sou mulher de te deixar se você me trair
E arranjar um novo amor só pra me distrair
(...) Me balance, mas não me destrói
Porque chumbo trocado não dói
(...) Eu não como na mão de quem brinca com a minha emoção
(...) Sou mulher capaz de tudo pra te ver feliz
Mas também sou de cortar o mal pela raiz (...)” (Palmas)

Somos todas lobas! (Palmas)
Viva Alcione! (Palmas)
Viva o samba da Bahia! (Palmas)
Viva o povo baiano! (Palmas)

A Sr.^a PRESIDENTE (Ivana Bastos): Emoção que fala!
(Não foi revisto pela oradora.)

A Sr.^a PRESIDENTE (Ivana Bastos): Quero registrar as presenças de Sr. Augusto Vasconcelos, secretário do Trabalho, Emprego, Renda e Esporte do Estado da Bahia; Sr.^a Eliete Paraguassu, vereadora da cidade de Salvador; Sr. Felipe Santana, vereador da cidade de Salvador; Sr.^a Luciana Tavares, vereadora do município de Lauro de Freitas; Sr. Fernando Santos, presidente da Comissão Especial de Cultura e Entretenimento da OAB-BA, representando a Sr.^a Daniela Borges, presidenta da OAB-BA; Sr.^a Ângela Guimarães, secretária de Promoção da Igualdade Racial e dos Povos e Comunidades Tradicionais do Estado da Bahia; e Sr. Tonho Matéria, cantor e compositor. (Palmas)

Assistiremos aos vídeos com os depoimentos da amiga Andressa e da cantora Clesinha.

(Procede-se à apresentação de vídeo.) (Palmas)

A Sr.^a PRESIDENTE (Ivana Bastos): Neste momento, eu passo a presidência desta sessão à deputada Olívia Santana.

(A deputada Olívia Santana assume a presidência da Mesa.)

A Sr.^a PRESIDENTA (Olívia Santana): Estão pensando que é só no terreiro que tem ritual? (Risos)

Bom, gente, eu quero dar continuidade à nossa sessão.

Eu peço um microfone móvel, sem fio – desculpem-me, estou nervosa –, para a gente conceder a palavra a este compositor, um dos maiores e um dos primeiros a serem gravados pela nossa grande Alcione, o nosso querido decano Walmir Lima. (Palmas)

O Sr. WALMIR LIMA: Pergunte, pergunte alguma coisa. Ela é uma pessoa demais! Ela fez a minha música se revelar pelo mundo inteiro. E pergunte a ela o carinho que eu sempre tive por ela, entendeu?

Recentemente, ela gravou uma música em parceria com Edil Pacheco, meu parceiro.

O que eu quero dizer é que Alcione, para mim, foi e ainda é uma das maiores – sem querer ferir ninguém – intérpretes brasileiras. (Palmas) Ela não é só uma sambista, ela é uma cantora de alto nível e, independentemente de tudo, é uma grande musicista.

Ela é filha de um maestro de grande valor, assim como eu fui. Eu sou filho de um grande maestro desta cidade chamado maestro Carlos Lima, que cantou e tocou com toda orquestra na época em que passou por aqui e transformou o frevo de Severino Araújo.

Então, eu nasci com o samba, com o samba, eu me criei. Como dizia Caymmi, eu fui a Rio das Ostras com ele e toda a sua família. Ele chegou me dizendo assim: “Você é o cara que continua fazendo aquelas coisas que eu fazia pela minha terra, aquelas músicas lindas. Você é admirável.”

Então, junto com meu amigo J. Velloso, viajei com ele. Fizemos shows por aí e a família de Caetano. D. Canô, como diz na música, é uma das maiores da sua família, a sua mãe, viu?

E eu digo assim:

“Hoje eu vou pra Santa Amaro

Eu vou, eu vou

Vou cantar samba por lá

Vou cantar

Vou levar minha viola

Vou fazer samba de roda

Pra ver meu povo sambar (...)

Cadê Pacheco?

(Procede-se à cantoria.) (Palmas)

E, aí, ela fez o sucesso da música:

“Eu vim de Ilha de Maré

Minha senhora (...)"

(Procede-se à cantoria.) (Palmas)

A Sr.^a PRESIDENTA (Olívia Santana): Obrigada, Walmir. Maravilhoso, Walmir Lima! (Palmas) Nossas melhores homenagens ao nosso querido Walmir.

A Sr.^a PRESIDENTA (Olívia Santana): Eu quero agora rapidamente passar a palavra... Walmir falou em nome de todos os sambistas – cantores e compositores – que aqui estão e, para falar em nome de todas as fãs, eu convido a nossa querida Maíra Azevedo, a nossa Tia Má, grande amiga de Alcione, para fazer uso da palavra. (Palmas)

A Sr.^a MAÍRA AZEVEDO: Eu prometi que não choraria hoje e eu me esforcei. A senhora viu que hoje eu me comportei, porque sabe que se tem uma coisa que eu não consigo obedecer é não chamar a senhora de senhora. A senhora quer que eu chame de você, mas eu não consigo.

Então, assim, eu não vou conseguir falar de minha cabeça e estou me tremendo, porque eu não consigo esconder o amor que eu sinto pela senhora, mas hoje eu vou me esforçar e vou focar, por isso eu vou ler.

(Lê) “Minha estranha loucura... Minha estranha loucura é ouvir Alcione e tentar entender como cabe tanto talento em um único ser. Como pode uma mulher só ter a força de um povo inteiro? Como pode uma voz ser capaz de atravessar gerações, geografias, feridas, amores e continuar nos alcançando como se cantasse só para a gente?

No ano em que nasci, 1981, a senhora lançava pela primeira vez um LP, um disco que levava o seu nome: Alcione. Uma coincidência? Talvez. Mas eu gosto de pensar que foi um presente do universo”, porque eu sou um pouco arrogante e, “(...) enquanto eu nascia, a senhora cantava: Sangue Novo, Novo Amor. E eu cresci ouvindo Não Deixe O Samba Morrer, Faz uma Loucura por Mim, Garoto Maroto, Você Me Vira A Cabeça, Sufoco, canções que contribuíram para embalar minha vida, meu sentir, minha forma de amar”. Olhe que eu amo, viu? Eu já amei muito! Hoje eu estou só com a minha “disgraminha” ali. (Risos) Hoje eu vou fazer uma loucura por você. (Risos)

(Lê) “(...) minha forma de amar e de lutar, mas também para contar a minha história e definir a mulher que eu sou!

Hoje, estar aqui e vê-la sendo reconhecida como cidadã baiana, por meio do mandato da deputada Olívia Santana...” (palmas) outra mulher a quem eu admiro, celebro e de quem eu fui assessora. Faço questão de dizer isso, inclusive ela estava aqui nesse instante olhando, olhei para Maísa e falei: “Olívia quer alguma coisa, vá lá ver”, vi pelo olho porque a gente se comunicava pelo olhar. Como diz a canção: “(...) a gente se fala no olhar” e eu sei que você já está abafada. “Maíra, ande rápido”, pelo olhar também você já me disse isso. (Risos)

(Lê) “(...) outra mulher que eu celebro e me inspiro, mas é um momento para mim de reparação e de celebração, porque Alcione é mais do que uma artista, é uma entidade da música popular brasileira, (palmas) uma mulher preta do Maranhão que

conquistou o país, o mundo inteiro, com a sua arte e sua postura; que nunca se escondeu, nunca se calou, nunca negociou seus princípios.

A senhora – você – usou e usa a sua voz para cantar as dores e os prazeres do amor, mas também para ecoar as lutas do nosso povo. Esteve ao lado de causas que importam: contra o racismo, contra a intolerância religiosa, contra o apagamento de mulheres negras na cultura...” Você sabe bem disso, não é, Juliana? “(...) E fez e faz com altivez, com afeto e com um senso de responsabilidade raro no mundo do estrelato.

A Bahia hoje não te entrega apenas um título. Ela te dá um lugar, um lugar oficial no território” – que a senhora já tinha conquistado, mas que conquistou com seu canto, com sua história, com sua verdade – “(...) Eu, como mulher preta, me sinto profundamente representada pela senhora.”

(A oradora se emociona.)

(Lê) “Você me ensinou que é possível ser doce, dengosa, polida, fiel, fiel como quem não foge à luta! Que é possível ser firme, romântica, política, popular e refinada. Você me ensinou que a arte pode – e deve – ser instrumento de afirmação, de consciência e de afeto. Por isso, suas canções embalam minha vida, mas seus discursos e ações apontam os caminhos que devemos seguir.

Por isso, quando me perguntam: ‘Quando você vai parar de ouvir Alcione?’ Eu respondo: ‘Nem morta! Porque meu vício é você!’” (Risos) (Palmas)

Muito obrigada, muito obrigada, deputada Olívia Santana, por me dar a oportunidade de representar os fãs de Alcione, essa mulher que é um farol e a quem eu sou muito grata.

Obrigada, gente.

A Sr.^a PRESIDENTA (Olívia Santana): Obrigada.

Nós que te agradecemos por essa fala tão linda, tão afetuosa.

(Não foi revisto pela oradora.)

A Sr.^a PRESIDENTA (Olívia Santana): Esta sessão está permeada de oferendas. Muita gente trouxe presente para Alcione, sua produção vai sair carregando as coisinhas, está certo?

Eu quero registrar a presença do nosso deputado Robinson Almeida, presidente da CCJ – Comissão de Constituição e Justiça –, que acabou de chegar; a secretária Ângela Guimarães que também estaria nesta Mesa, sinta-se parte desta nossa Mesa, não pôde chegar mais cedo. (Palmas)

Eu quero agora convidar a nossa cantora Marília Sodré para cantar uma canção, antes da entrega da nossa homenagem, com a música Juízo Final, por favor! (Palmas)

A Sr.^a Marília Sodré: Bom dia! Antes de cantar Juízo Final, eu queria fazer uma canção que Olívia me pediu e que nós cantamos sempre que tem show da Sambaiana.

(Procede-se à apresentação musical.) (Palmas)

A Sr.^a Marília Sodré: Muito obrigada. (Palmas)

Muito obrigada, Olívia, pelo convite, sei que a sessão está corrida, então preferi fazer essa canção que nós fazemos com a Sambaiana, pedindo licença à rainha para fazer essa canção. Muito obrigada pelo momento. (Palmas)

A Sr.a PRESIDENTA (Olívia Santana): Eu quem agradeço a você, querida. Você, que é de uma família também de artistas, leve o nosso abraço a Sueli Sodré e também a todas as meninas da Sambaiana.

Quero pedir mais uma salva de palmas para Marília Sodré que arrasou aqui. (Palmas)

Agora vamos assistir aos vídeos da nossa querida Ivete Sangalo, da ministra Margareth Menezes e do governador Jerônimo Rodrigues, por favor.

(Procede-se à apresentação de vídeo.) (Palmas)

A Sr.a PRESIDENTA (Olívia Santana): Bem, eu gostaria de convidar agora o secretário Bruno Monteiro, da Secretaria de Cultura do Estado da Bahia, para fazer a sua fala em 3 minutos. (Palmas)

O Sr. BRUNO MONTEIRO: Bom dia, deputada Olívia Santana, deputada Ivana, nossa presidenta, presidenta desta sessão, na pessoa de vocês, quero cumprimentar a Casa e parabenizar pela iniciativa.

Quero saudar a nossa homenageada Alcione, esse patrimônio da cultura brasileira. Permitam-me também rapidamente saudar a deputada Alice Portugal; a Dr.a Márcia Regina dos Santos, nossa representante do Ministério Público; a mãe Ângela, yakekerê do Terreiro do Gantois; o nosso querido Nelson Rufino; Walmir Lima; J. Velloso; Edil Pacheco; Gal do Beco; Juliana Ribeiro; Máira Azevedo; o Marrom, Osmar Martins; Zé Arerê; Vadinho França; Gessy Gesse; autoridades na Mesa; e representações da nossa cultura.

Também me permitam saudar o Plenário, na figura de minha mãe, ebome Nice de Oyá; (palmas) e todas as autoridades presentes. Compartilho este momento com meus colegas Ângela Guimarães e Augusto Vasconcelos, também secretários de estado.

Nós estamos aqui, hoje, para homenagear a voz que é símbolo, que é enredo e que é caminho; a mulher negra e nordestina que rompeu barreiras e levou a força da nossa arte para o Brasil e para o mundo; uma artista rara.

Nós até conseguimos encontrar muitos artistas para fazer música, fazer arte no Brasil por tantos anos, mas se manter no auge por tantos anos é para poucos, é um privilégio de poucos. E nós estamos aqui, com essa artista rara, com essa artista completa, essa artista que reúne diferentes públicos encantados pela mesma música, como nós vimos a emoção de Rodrigo, que ontem estava na Concha Acústica e hoje estava aqui emocionado, a emoção de sua mãe e, muito provavelmente, a emoção de sua avó, que deve ser fã de Alcione também.

Alcione é isto: reúne diferentes gerações em torno de uma mesma música, de uma mesma arte e de um sentimento tão bonito que se expressa por meio do nosso

samba. Isso nos leva, Alcione, a dizer – sem exagero – que você é uma artista que é passado, presente e futuro, por toda a sua força, por tudo aquilo que você representa.

Quando nós estamos aqui, temos a oportunidade de refletir sobre grandes nomes do samba baiano, como Vevé Calazans, como Batatinha, como Riachão, que já se foram, mas há tantos nomes importantes que estão aqui hoje, como Arerê, Gal do Beco, mestre Nelson Rufino, Vadinho. Há também as novas gerações de sambistas, como Juliana Ribeiro, Aila Menezes com seu pagodão, gerações que também vão tendo Alcione como a sua referência, o que mostra que ela é uma artista, uma intérprete que perpassa o tempo e que agrega tanto valor ao samba, à música, a essa forma de expressão desse Brasil que canta, que resiste, que se orgulha. Porque o Brasil que honra a cultura popular é um Brasil devoto da sua própria história, devoto da sua própria raiz, da sua ancestralidade.

E Alcione, para além da voz que canta há tantas décadas, encanta; também sempre foi uma voz muito forte no combate ao racismo, no enfrentamento a todo tipo de preconceito, na valorização das mulheres, e ela mesma uma mulher negra e nordestina que levou a voz, o empoderamento e a força das mulheres nordestinas para tantos lugares.

Hoje a Bahia e o Maranhão, que já são unidos pelos toques dos tambores, pela reverência ancestral, mas também pela força das revoltas populares deste país, mais uma vez se dão as mãos. A Bahia estende a mão ao Maranhão. A Bahia, que é terra-mãe do Brasil, mas que é terra-mãe do samba também, abre as portas do estado para recebê-la, Alcione, como uma filha desta terra, como uma cidadã baiana.

É um orgulho tê-la em nossos carnavais, em nossos palcos, nas amizades sinceras que você cultivava neste estado. Você é uma voz que ressignificou o Nordeste para o Brasil e para o mundo.

A sua voz levou, aos corações do Brasil e do mundo, um pouquinho de cada um de nós e trouxe para os nossos corações um pouquinho de tantos sentimentos.

A Bahia, hoje, deputada Olívia Santana, faz justiça com essa homenagem porque quem honra a cultura popular, honra o Brasil profundo, honra o povo que canta, que dança, que sonha e que resiste.

Honrar Alcione é honrar a história, é honrar as meninas negras e dizer que elas também podem ser artistas, que tem um lugar para elas no palco, no microfone, na força de quem sonha e de quem resiste. (Palmas)

Esse é o Brasil onde o talento, a coragem e a ousadia cabem. Esse é o Brasil que se constrói com a cultura, com a memória e com Alcione.

Muito obrigado! (Palmas)

A Sr.a PRESIDENTA (Olívia Santana): Obrigada, secretário Bruno.

(Não foi revisto pelo orador.)

A Sr.a PRESIDENTA (Olívia Santana): Agora é o momento principal desta cerimônia. Nós estamos aqui por ela e para ela. Por isso, eu quero convidar, para compor esta Mesa que vai entregar, neste momento, o Título de Cidadã Baiana à

nossa artista Alcione, o menino Rodrigo e o nosso querido Vovô. (Palmas) Peço, de maneira especial, que se aproximem aqui a nossa Juliana Ribeiro, Gal do Beco, Edil Pacheco... Vai ter que dar! (Risos) Está certo?

(...) e a nossa yakekerê Angela, por favor.

Obviamente, todos os componentes da Mesa integram este momento especial, que será realizado aqui por mim e pela presidenta desta Casa, nossa querida deputada Ivana.

Alcione, minha querida Alcione Nazareth, saiba que a deputada Ivana é a primeira mulher a presidir esta Casa, a Assembleia Legislativa da Bahia, em 190 anos. (Palmas) Estamos aqui quebrando paradigmas e tornando esta Casa, cada vez mais, a Casa do Povo, não é isso? Então, vamos.

(Procede-se à entrega da homenagem.) (Palmas)

A Sr.^a PRESIDENTA (Olívia Santana): (Lê) “A Assembleia Legislativa do Estado da Bahia confere à Sr.^a Alcione Dias Nazareth o Título de Cidadã Baiana pela Resolução nº 2.156/2024, projeto de autoria da deputada Olívia Santana, no dia 26 de maio de 2025.

Assinam esta honraria a deputada Ivana Bastos, presidente desta Casa; o deputado Samuel Junior, primeiro-secretário; e a deputada Kátia Oliveira, segunda-secretária.”

Eu convido também a deputada Cláudia, por favor, e o deputado Robinson a se somarem aqui. Secretária Ângela, secretário Augusto Vasconcelos também, por favor.

(Procede-se à apresentação musical.)

A Sr.^a ALCIONE DIAS NAZARETH: Oi, gente! É sob esse som de Cartola que a gente está aqui nesta homenagem pela qual eu agradeço demais a todos vocês. Eu sempre achei que a Bahia também era minha terra, e é. Eu quero muito agradecer a todos vocês do fundo do coração.

Meu pai era mestre da Banda de Música da Polícia Militar do Maranhão, mas, antes, meu pai trabalhou numa fazenda, num engenho, onde, quando ele pediu um dinheiro ao patrão para comprar um trompete, o patrão virou e deu um machado de presente para ele: “Toma aqui o seu ‘trompete’.”

Meu pai, com esse machado, ele empurrou meu pai foi para frente porque ele ensinou música à maioria dos músicos do Maranhão, foi mestre da Banda de Música do Estado do Maranhão, me ensinou música, a mim e a todos os meus irmãos, e eu tenho o maior orgulho de ser filha de seu João Carlos Dias Nazareth. (Palmas)

Eu queria, como eu sou de terra de poeta, eu queria dizer só uma poesia para vocês:

“Hei tentado descobrir
nesses bons escritos velhos
que se chamam evangelhos,
um caso nunca explicado
eu desejo ardentemente

desbravando a espessa treva
conhecer a cor de Eva
que de Adão viveu ao lado.
Seria ela branquinha?
Loira como um astro fulgente
que despertasse na gente
uma ideia de arrebol?
Seria, acaso, uma filha
lá do Cáucaso Nevado,
de olhar felino e azulado,
cabeça fulva de sol?
Seria negra, negrinha,
de cabelos retorcidos,
enroscados e tecidos
como um ninho de japi,
parecendo lá no céu
um ponto de exclamação,
que tendo a cor de carvão
não quisesse estar ali?
Não, não creio. Creio apenas
quando eu fico a contemplar-te,
que com muito engenho e arte
Deus fez a mulher primeira
assim: nem branca, nem preta,
nem loira, nem cafuzinha,
mas fê-la assim bonitinha,
um tipo de brasileira.”

J.G. de Araújo Jorge.

(A oradora canta: “Queixo-me às rosas / Que bobagem as rosas não falam / Simplesmente as rosas exalam / O perfume que roubam de ti, ai / Devias vir / Para ver os meus olhos tristonhos / E, quem sabe, sonhavas meus sonhos / Por fim”.)

Cartola.

Obrigada, gente. (Palmas)

(Não foi revisto pela oradora.)

A Sr.^a PRESIDENTA (Olívia Santana): Gente, nós vamos ouvir agora... nós não poderíamos terminar esta sessão, uma sessão de uma musicista, de uma das maiores cantoras da história da música brasileira, ela que escolheu Cartola para

brindar essa finalização – não é? –, esse recebimento do seu título... Mas eu quero agora também convidar a nossa Aila... Eu fiz uma... Aila Menezes vai fazer...

Nós vamos agora ouvir a apresentação, assistir à apresentação de Aila Menezes com a música Obrigada. Aila, que é uma sambista baiana também, uma cantora baiana, neste momento presta esta homenagem à nossa querida Alcione, a nova cidadã baiana. (Palmas)

A Sr.a Aila Menezes: Bom dia a todos, todas e todes! Canção gravada por Marrom, eu acho que reflete exatamente este momento de nós, baianos, para você agora, a mais nova baiana.

(Procede-se à apresentação musical.) (Palmas)

A Sr.a Aila Menezes: Como todos enaltecera nesses versos que a definem muito bem. (Risos)

A Sr.^a PRESIDENTA (Olívia Santana): Obrigada, Aila. Muito obrigada pela sua grande contribuição a esta sessão.

A Sr.a Aila Menezes: Eu que agradeço, obrigada.

A Sr.^a PRESIDENTA (Olívia Santana): Nós queremos, rapidamente, registrar e agradecer as presenças de Edson Xuxu, compositor; Neto Balla , também compositor e cantor; nosso grande Chocolate da Bahia, compositor e cantor; Alessandra Lacerda, vice-presidente do Araketu, junto com Vera, sua presidenta; Luciana Bispo , presidente do grupo Gordinhas Lindas de São Francisco do Conde, fã-club e também da nossa Alcione; o Tonho Matéria, nosso grande Tonho Matéria, cantor e compositor; nosso presidente da Comissão Especial de Cultura e Entretenimento da OAB-BA, Fernando Santos ; a vereadora do município de Lauro de Freitas, Luciana Santos .

Quero saudar a família Bafafé e, de maneira especial, Mário Bafafé , que está aniversariando hoje, uma família de samba junino da Bahia, do Engenho Velho de Brotas; Ana Bispo , do grupo Flor de Lotus; o presidente dos Jovens Periféricos, Jadison Palma , esse menino que tanto nos orgulha; Márcia Lemos , diretora da Aesos – Associação Educacional Sons no Silêncio –; o presidente do Conselho Estadual de Cultura, Gilmar de Faro Telles , teremos reunião na sexta; e o presidente da Câmara de Vereadores do município de Eunápolis, Valdiran Marques .

Então, agradeço, gente, a todas e todos que colaboraram para o sucesso desta histórica sessão, esta histórica homenagem. Eu quero dizer que eu amo Alcione, assim como todas, cada uma de nós aqui, somos fãs. E, na condição de fã, até o dia hoje, quero dizer para ela que, a partir de agora, eu sou a sua madrinha, viu? Respeita a dinda. (Risos)

E nós vamos encerrar fazendo a entrega do nosso livro, com a nossa presidente Ivana. Fale aqui, Ivana.

A Sr.^a Ivana Bastos: Minha querida conterrânea, este livro é um livro editado pela Assembleia, Bahia Bonita de Se Ver. Aqui estão os nossos encantos, da sua terra, para que a senhora possa ver, desejar e vir conhecer. Seja muito bem-vinda! Dizem que o baiano não nasce, ele estreia, mas a senhora sempre estreou!

Com muito brilho, com muitos aplausos, seja bem-vinda à Bahia, que a abraça.

(Procede-se à entrega do livro.) (Palmas)

A Sr.^a PRESIDENTA (Olívia Santana): Declaro encerrada a presente sessão.

Departamento de Taquigrafia / Departamento de Atos Oficiais.

Informamos que as Sessões Plenárias se encontram na internet no endereço <http://www.al.ba.gov.br/atividade-legislativa/sessoes-plenarias>. Acesse e leia-as na íntegra.